

Foto: Laís Camargo

Foto: Natalie Malulei



Foto: Natalie Malulei



Foto: Arquivo Cras



Foto: Arquivo Cras



Jornalismo Popular

Nossos estudantes de Jornalismo receberam o carinho dos moradores do bairro Popular em Campo Grande. Durante o processo de produção desta edição do jornal-laboratório Em Foco os acadêmicos repórteres da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) abriram o coração, os ouvidos e a razão para compreender as histórias deste povo que habita as margens da BR 262

há mais de quatro décadas.

São relatos de personagens que chegaram até o local para trabalhar nos frigoríficos da região em uma época que o bairro Popular lembrava uma grande pastagem e viram aquele cenário se transformar. Composto por 12 parcelamentos, o Popular é um dos bairros mais antigos e populosos da Capital de Mato Grosso do Sul, abriga núcleos familiares muito unidos que não trocam suas casas por nenhuma outra em qualquer lugar de Campo Grande.

Os “populares” têm amor ao seu chão, enfrentaram inúmeras dificuldades e cresceram com elas, como a distância do cen-

tro da cidade que na década de 80 era uma barreira e hoje foi encurtada pelas diversas linhas de transporte coletivo urbano que cortam o bairro.

As diversas enchentes que até o começo do terceiro milênio tiravam o sono de quem mora na tradicional Rua Rádio Maia também parecem ter ficado no passado, graças às novas obras de contenção realizadas pela Prefeitura Municipal de Campo Grande. Mesmo assim, a comunidade ainda se pega olhando e ouvindo desconfiada os raios e trovões do outro lado da cidade, lembranças da época em que precisavam saber se a chuva vinha forte para erguer os móveis da

casa.

Este é o verdadeiro jornalismo, aquele que vai ao encontro do povo, gente de verdade, sem maquiagem, com buracos na porta de casa, medo da violência, receio dos carros dirigidos por motoristas imprudentes, poeira na seca, lama na chuvarada, e outras inúmeras dificuldades. Jornalismo de bairro, cidadão, cidades, geral, o nome muda, mas a essência humana é a mesma. Nossos estudantes de Jornalismo estão aprendendo mais esta lição: serem servidores de um público que enfrenta muitas dificuldades, mas resolve muitas delas com criatividade e fé.

Pesquisa

Local é referência em estudo animal no Brasil

EMBRAPA atua no POPULAR

Camila Hundertmarck

Situada dentro do bairro Popular, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Gado de Corte) chegou em Campo Grande por volta de 1977, quando a cidade ainda fazia parte do Estado de Mato Grosso. Campo Grande só foi escolhida por possuir condições favoráveis à produção de bovinos de corte. A empresa tem como função proporcionar tecnologias sustentáveis para a cadeia produtiva da pecuária de corte.

Segundo informações do pesquisador da área de pastagem e supervisor de comércio empresarial, Rodrigo Amorin, de 36 anos, além de ter importância nacional para a pecuária bovina, o centro situado na cidade ainda divulga o Estado que possui o 2º maior rebanho do Brasil. “Os produtores da região

não precisam ir muito longe para buscar informações porque as respostas podem ser encontradas aqui mesmo”, conta o pesquisador.

Pedro Fermino Leite Martins, de 58 anos, comerciante do local, diz que o fato de a Embrapa estar situada no bairro atrapalha um pouco o crescimento do mesmo. “A Embrapa não deixa crescer, mas também não tem como transferi-la daqui porque envolveria um custo muito alto”, completa Martins.

“Eu acho que é muito bom a Embrapa estar aqui por causa das pesquisas que ela desenvolve”, diz a aposentada Adelina Ledesma, de 63 anos, moradora do bairro há 22.

O complexo que é constituído por campos experimentais, laboratórios, casas de vegetação, bibliotecas desenvolve pesquisas na área de pastagem e sustentabilidade, mas a grande maioria delas é destinada ao gado de corte, o forte da região.

Foto: Camila Hundertmarck



Animais - Ovinos e caprinos voltados para pesquisas se alimentam em pasto da Embrapa

Foto: Camila Hundertmarck



Nutrição - Pastagem utilizada em estudos agropecuários desenvolvidos no local

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - n° 127 – Novembro de 2009 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de

Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Pedro Pereira Borges

Pró-reitoria de Administração: Ir. Raffaele Lochi.

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos, Inara Silva e alunos do 4º Semestre.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

Repórteres: Aline Araújo, Camila Hundertmarck, Daiane Jadna, Daniel Teixeira, Natalie

Malulei, Renan Gonzaga, Rudney Ramos, Solange Cunha e Vanessa Bitencourt.
Títulos e Fios: Pág. 02 Natalie Malulei e Renan Gonzaga; Pág. 03 Rudney Ramos e Solange Cunha, Pág. 04 e 05 Daiane Jadna e Nyelder Rodrigues; Pág. 06 Elverson Cardozo e Sidney de Albuquerque; Pág. 07 Camila Hundertmarck e Felipe Couto; Pág. 08 Aline Araújo e Daniel Teixeira.

Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens:
Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS.
Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br



Desenvolvimento - A comunidade que nasceu na década de 60 e hoje tem 12 parcelamentos, acompanha o crescimento da Capital, escrevendo sua história

História

Há quase meio século, a miscigenação de povos foi o ponto inicial na história do bairro Popular em Campo Grande

MEMÓRIAS de um bairro POPULAR

Aline Araújo

Paraguaios, bolivianos, indígenas e campo-grandenses. Dessa mistura de povos nasceu o bairro Popular há 46 anos na região Oeste de Campo Grande. Pela Lei de Ordenamento e Uso do Solo da Capital, 12 parcelamentos compõem o Popular: Nova Campo Grande Bloco 11 e Bloco 12, Jardim das Reginas, Loteamento Municipal Macaé, parte do Jardim Petrópolis, Jardim Sayonara, Jardim Pantanal, Jardim Aeroporto, Jardim Itália, Bosque Santa Mônica I e II e Vila Romana.

O nome “Vila Popular” oficialmente não existe, mas entre os moradores a denominação é comum para as moradias próximas aos frigoríficos e a cerca da Embrapa. A comunidade é carregada de diversidade, lá se encontram pessoas de várias idades, origens e situações sociais que convivem em uma harmonia própria de um lugar construído pelo suor de trabalhadores brasileiros.

Localizado em uma região com frigoríficos e indústrias o bairro atraiu trabalhadores. Um dos primeiros moradores foi o senhor Ormando Salvaterra Coelho, de 69 anos, popularmente conheci-

do como Boliviano, apesar da descendência paraguaia. Boliviano e sua esposa Estela Nunes Salvaterra, de 65 anos se mudaram para o Popular em 1962. “O bairro foi loteado em 63 e nós chegamos aqui em 62, no papel o nome ‘Vila Popular’ não existe, o que existe é Nova Campo Grande. Acontece que houve uma divisão: quem construiu casas a esquerda da linha de trem poderia usar qualquer material, lona, madeira, buriti. As casas a direita deveriam ser apenas de alvenaria, e por essa divisão o nosso bairro a esquerda ficou conhecido como Popular”, lembra Boliviano, que é o atual presidente da Associação de moradores, ainda sem sede. Boliviano e Estela criaram os seus quatro filhos, todos moram no bairro. “É isso que faz minha felicidade, ter todos que amo perto de mim”, comenta Estela, que mora há 47 anos no bairro.

Em 1971, se mudou para o Popular a família do senhor Bartolo Cabanha, de 69 anos. A mãe, o pai e os seus cinco irmãos vieram de Porto Murtinho para buscar mais oportunidades de emprego, e encontraram um lugar que agradou tanto a família que hoje quase que uma quadra inteira é de casas de

integrantes da família Cabanha.

O bairro, que reúne famílias e tem a sua população crescente por sua proximidade a pólos empregatícios, atualmente parece abandonado pelo poder público. Moradores reclamam da carência em saúde, segurança e lazer. “Só temos uma creche e um posto de saúde que falta médico e tem um péssimo atendimento. Eu tenho diabetes e quando preciso ir ao médico vou ao posto do Aero Rancho. Nós

não temos nenhum parque para as crianças e o campo de futebol do bairro está precisando de reformas. Acho que o bairro precisava de mais atenção”, afirma Estela, que não é a única moradora descontente com esses aspectos do bairro. Para Bartolo, “saúde e segurança estão muito fracos no bairro, porém o transporte coletivo tem um serviço muito bom”, acredita o ex-cobrador de ônibus.



Crianças, adolescentes e donas de casa do bairro Popular podem participar de projetos sociais no Centro de Referência

PROJETOS SOCIAIS formam cidadãos

Natalie Malulei

Há oito anos Elker Alex Oliveira, “muito rebelde”, como ele mesmo se definiu, era aluno do Centro de Referência de Assistência Social (Cras) Valéria Lopes da Silva do bairro Popular. “Eu era participante das atividades da oficina de recreação, oficina de esporte, e isso me despertou o interesse pela prática de eu me formar em algo voltado à recreação, a de esporte, a de lazer”, lembra o hoje professor de educação física, de 21 anos, que dá aulas na instituição.

Assim como Elker, pessoas de diversas faixas etárias estão sendo auxiliadas pelo Cras, por meio de ações sociais desenvolvidas pelo mesmo. O centro criado pela Secretaria de Assistência Social do município é responsável pelo atendimento de moradores dos parcelamentos do bairro Popular, Jardim Itália, Bosque Santa Mônica, Vila Romana, Nova Campo Grande, Serradinho, e de outros bairros como a Vila Bordon e Jardim Carioca. O objetivo do Cras é orientar as famílias que estão vulneráveis na região e exercer um trabalho de formação do cidadão. “O nosso intuito é possibilitar uma realidade diferente do que a comunidade proporciona para eles”, expõe o coordenador Sandro da Costa, de 29 anos. Atualmente 498 famílias estão cadastradas, sendo que, deste número, 435 partici-

cam. O Cras é constituído por projetos sociais, divididos por faixa etária ou por identificação. Esses projetos atendem desde crianças de seis anos até idosos acima de 65 anos, proporcionando interação, ação e também inclusão.

Projeto Ciranda

Voltado para crianças e adolescentes de seis a 15 anos, o projeto Ciranda se desenvolve no período inverso ao da escola, compondo-se de uma mescla de três oficinas: comunicação, artes e recreação, junto com uma alimentação balanceada. A úni-



Foto: Natalie Malulei



Foto: Natalie Malulei

Ciranda - Crianças e adolescentes de 6 a 15 anos participam das oficinas de recreação, artes e comunicação e desenvolvem processos de

ca condição imposta para participar do projeto é que a criança ou o adolescente esteja matriculado em uma escola.

As atividades desenvolvidas nas oficinas são baseadas cada mês em um tema, que é escolhido pelos professores de acordo com a necessidade dos alunos ou com as datas festivas, com um objetivo muito claro. “O nosso grande objetivo aqui é formar bons cidadãos por meio da oficina de recreação, por meio da oficina de artes, e por meio da oficina de comunicação”, conscientiza Elker.

Participam do projeto 180 crianças, 90 em cada período. “A gente faz um rodízio, dividimos os alunos entre pequenos, intermediários e grandes de acordo com a faixa etária, e cada turma fica com um professor inicialmente, depois vamos trocando”, explica a educadora responsável pela oficina de Comunicação e acadêmica de Pedagogia Daiane Ferreira da Silva Mendes, de 22 anos. Em sua oficina, Daiane trabalha com os temas escolhidos por meio de dinâmicas, debates e produção de cartazes, propiciando formação de opinião aos alunos.



Com trabalhos manuais, a oficina de artes inspira criação e é a preferida de alguns dos alunos. “Eu gosto mais da oficina de artes, e o tema que eu mais gostei de trabalhar foi o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), que falava de crianças que trabalhavam com coisas perigosas”, comenta a estudante, Emily Eulália Ramirez Rojas, de 9 anos.

Além dessas duas oficinas, é desenvolvida a oficina de recreação que proporciona atividades lúdicas e esportivas. “O objetivo da oficina de recreação e esporte não é proporcionar momentos de esporte especificamente e sim de motivação, de ludicidade, de criação, trazendo assim uma motivação pela prática recreativa, deixando de lado a sua questão fisiológica do atleta, tirando a ênfase de formar o atleta em si, tendo como grande objetivo aqui formar bons cidadãos”, enfatiza Elker. Para o complemento do projeto os alunos também recebem aulas de inglês duas vezes por semana.

Projovem

Atende adolescentes de 15 a 17 anos que sejam beneficiários do Bolsa Família, proporcionando a eles a formação de um

senso crítico. Por meio de palestras, dinâmicas e reflexões que abordam temas transversais como mercado de trabalho, sexualidade e outras questões que envolvem o jovem nessa faixa etária. Os encontros acontecem três vezes por semana (segunda, quinta e sexta-feira), tanto no período vespertino, quanto matutino.

Na segunda e na quinta-feira as atividades são realizadas na sala de aula e na sexta-feira é o dia de recreação e lazer. “Eles desenvolvem atividades na sala com cartaz e com divulgação. A gente tem um projeto que estamos desenvolvendo com eles, sobre a dengue, eles já fizeram uma palestra, agora eles vão fazer uma caminhada divulgando que pode ser feito no quintal e em casa para contribuir. É um trabalho onde eles atuam dentro da comunidade com temas e projetos que a gente desenvolve”, completa Sandro.

Aulas de street dance também são ministradas. Elas acontecem duas vezes durante a semana com duração de duas horas. Segundo a educadora Rosângela Catarina Martinez, de 33 anos, quando um determinado aluno

ia e Assistência Social da Prefeitura Municipal, que auxiliam na educação e renda das famílias moradoras do local

e aumentam renda da COMUNIDADE

Foto: Natalie Malulei



cidadania, criatividade e motivação pessoal

começa a possuir um grande número de faltas nos encontros, são feitas visitas de monitoramento, para ver se está tudo bem com o adolescente.

Como tentativa de incluir os pais na vida dos filhos e de conscientizá-los do trabalho que é realizado no Cras, são feitas reuniões periodicamente tanto para expor situações problema como de aperfeiçoamento relacionadas aos seus filhos. “Sempre que a gente convoca, eles vêm frequentar e o nosso intuito é esse, fazer com que os pais tomem mais conhecimento dos filhos”, explica Sandro.

Visando a inclusão digital, o telecentro é uma sala de informática voltada para a utilização gratuita da comunidade local. “É como se fosse um cyber, mas com algumas restrições. A gente não abre para sites de relacionamentos e sim para pesquisas escolares, elaboração de currículos para a comunidade e cursos profissionalizantes”, esclarece Sandro.

O telecentro funciona tanto durante a manhã, das 7 às 11 horas, quanto durante a tarde, das 13 às 17 horas, possuindo uma demanda diária que gira em torno de 20 à 25 pessoas.

PARA ELAS

Mulheres recebem atenção

Natalie Malulei

As moradoras do bairro Popular participam de vários projetos dentro do Cras. Um deles é o “Geração de Renda”, que proporciona cursos de capacitação e profissionalização que visam à inclusão produtiva. Nesse projeto são as mulheres desempregadas, ou que querem ampliar a renda familiar, que recebem atenção. Os cursos possuem em torno de 40 horas semanais e oferecem certificados de conclusão.

Em média são oferecidos cinco cursos ao ano na unidade e depois deles os trabalhos são apresentados. “Geralmente no final do ano a Secretaria da Assistência faz uma apresentação cultural dos benefícios que tiveram dentro da comunidade os artesãos vão lá, fazem uma feira onde eles expõem os seus trabalhos e vendem. A gente busca fazer isso, mesmo dentro da própria comunidade”, exalta o coordenador do Cras, Sandro da Costa.

Outra oficina que viabiliza o aprendizado de técnicas manuais de artesanato, como o crochê, fuxico e bordado também é bastante procurada pelas moradoras do bairro Popular. Essa oficina não disponibiliza certificado, e as aulas acontecem toda segunda-feira à tarde, das 13h30 às 16h30. Todo material utilizado é disponibilizado pela Secretaria de Assistência Social do Município.

Ginástica

Como muitas mulheres da região faziam exercício regularmente no bairro Popular, mas sem acompanhamento, foram criadas as aulas de ginástica, que tem como objetivo proporcionar e sensibilizar as mulheres da importância de ter qualidade de vida prati-



Foto: Arquivo Cras

Voluntários - Moradoras do Popular participam de aulas de ginástica

cando exercícios com orientação e prevenção.

As aulas acontecem todas as terças e quintas-feiras das 17 às 18 horas. “O que nós queremos é resgatar as mulheres para uma prática saudável de ginástica, postura e condicionamento físico”, ressalta Elker. É um trabalho voluntário que está aberto a novos colaboradores, quem se interessar pode entrar em contato através do telefone do Cras: (67) 33147478.

Psicossocial

O trabalho realizado pelo Cras é chamado de psicossocial, pois proporciona a atuação conjunta da psicologia com a assistência social com parceria de outros órgãos.

A psicóloga Flávia Ferreira Mota, de 29 anos, junto com a assistente social Maria Cristina Meza de Queiroz, de 34 anos, atuam dentro dos grupos de ação, principalmente no: sócio-educativo, que trabalha com idosos, mães nutrizes e gestantes, pois são membros específicos dessa equipe técnica. Além de realizarem visitas domiciliares para verificar a vulnerabilidade da região, oferecem palestras educativas tanto na comunidade quanto na instituição e encaminhamentos.

Como o número de mães que não

possuía seus filhos em creches era grande, foi criado o grupo Mães Nutrizes com o intuito de conscientizar e informar as mães por meio de palestras e dinâmicas maneiras de educar seus filhos.

No início os encontros eram realizados no Cras, porém devido às dificuldades delas se locomoverem até lá, as reuniões passaram a ser realizadas na comunidade, e acontecem quinzenalmente. Para que as crianças não atrapalhem os encontros, junto com a assistente social e com a psicóloga que os realizam, vai um ônibus da “Brinquedoteca” onde elas ficam para que as mães tenham melhor aproveitamento das reuniões.

Por último, como o próprio nome diz, o Grupo Gestante, é voltado para mulheres grávidas, e as reuniões consistem em informá-las sobre pré-natal, cuidados maternos e saúde, tanto delas quanto do bebê. Atualmente participam apenas seis e as reuniões acontecem uma vez por mês.

A falta de uma área de lazer, centro cultural e espaço para práticas esportivas, reflete na segurança dos moradores

PROBLEMAS trazem INSEGURANÇA

Renan Gonzaga

Criado na década de 60, o bairro Popular é uma das áreas mais verdes da Capital. Distante do centro da cidade é lugar de vários problemas. A maioria dos moradores reclama principalmente da falta de segurança e lazer. Por outro lado, é sede de um dos principais centros de pesquisa agropecuária do Brasil, a Embrapa.

O visual da paisagem verde impressiona, mas caminhando pelo bairro não é difícil perceber os problemas que o Popular esconde. Frequentemente vê-se as crianças brincando na rua por falta de um espaço dedicado ao lazer. Parece que a construção de uma praça ou centro cultural não dá sinais de acontecer tão cedo.

Talvez a distância da parte central da cidade acabou fazendo do bairro popular um lugar propício ao desenvolvimento de práticas criminosas, como o uso de drogas e roubos. Quem possui estabelecimento comercial relata estar sempre com medo, é o caso do comerciante Pedro Fermínio Leite Martins, de 63 anos. “A única



Calmaria - Aparente tranquilidade não é motivo de segurança aos moradores do Popular

coisa que precisa é um policiamento melhor, se nós formos assaltados o policial vem só depois de três horas”.

Segundo os moradores, os problemas com a violência e as drogas são uma consequência da falta de área de lazer e segu-

rança. Nenhum centro de cultura está ativo no bairro, nem mesmo uma praça destinada à prática de esportes. E isso acaba fazendo com que os jovens alternem a forma de passar o tempo em atividades incorretas.

Já o morador Jonas Ferreira Mendes, de 64 anos, disse que não tem o que reclamar. “Moro aqui há mais de 20 anos e nunca me aconteceu nada. Quem fala do bairro, reclama de barriga cheia”. Pelo visto, o aposentado é um sortudo no meio dos outros moradores.

Em contrapartida, alguns dos moradores dizem que o principal motivo que impossibilita o bairro de se desenvolver é o fato da Embrapa Gado de Corte estar instalada muito próxima às residências, e por ser um órgão federal dificilmente sairá de lá. “Eles já estão fazendo pesquisas aí há vários anos, dificilmente vão mudar daqui”, conta o aposentado Jonas. Para eles, a fazenda sede do órgão impossibilita o crescimento do local.

Os ônibus, que chegam ao ponto de 15 em 15 minutos durante os dias úteis da semana, não pareciam estar lotados. Para o senhor Jonas: “Ônibus passa toda hora! Ali perto tem dois pontos, eu nunca espero muito tempo”. Já a moradora Adelina Ledesma, de 63 anos, diz que para ir ao centro da cidade a distância atrapalha. “Tem que pegar dois ônibus, um para ir ao terminal e outro para chegar ao centro”. Os outros moradores reclamaram da demora de transporte público apenas nos finais de semana.

Sem Ensino Médio

Solange Cunha

Localizada na Avenida Rádio Maia, a Escola Municipal Frederico Soares, foi inaugurada em março de 1976 e hoje atende cerca de 940 alunos, do 1º ao 9º ano. Segundo a supervisora pedagógica Giovanna Thomaz, de 40 anos, a escola tem em média 12 alunos portadores de necessidades especiais. Estas crianças participam da sala de recursos, um projeto da Prefeitura que visa o acompanhamento extracurricular de alunos especiais, um reforço escolar. No bairro Popular há uma creche, uma escola estadual e uma municipal.

Para concluir os estudos no ensino médio os jovens da comunidade precisam se deslocar para a escola estadual localizada do outro lado da BR, estudar em escolas dos bairros

vizinhos ou no centro. Um ex-aluno de 17 anos afirma que a escola Frederico Soares é boa, mas não funciona à noite.

De acordo com a supervisora pedagógica Giovanna, o Conselho Escolar tem grande participação dos pais em suas reuniões, que é de muita importância para a escola e seus alunos.

Desde sua inauguração, o colégio passou por várias manutenções. As três últimas foram a cobertura e fechamento da quadra que foram inaugurados no dia 9 de maio de 2005, no mês de junho de 2008 foi concluída uma reforma e em fevereiro de 2009 foi entregue a adaptação para acessibilidade física da escola.

Seo José de Freitas Ferreira, de 59 anos, trabalha como guarda municipal na unidade escolar. “A escola já foi assaltada no período noturno, mas hoje é bem tranquilo”, relata.



Educação - Fachada da Escola Municipal Frederico Soares no bairro Popular

SERÁ o fim das ENCHENTES?

Daniel Teixeira

Quem anda pela Vila Popular atualmente, não imagina o sufoco que os moradores já enfrentaram quando se trata de enchentes e alagamentos. A maior enchente aconteceu em 2005, e a última há dois anos. A chuva começava no centro da cidade e não demorava muito para a água do córrego Imbirussú começar a subir, entrar nas casas e fazer estragos. Mas os moradores ainda estão inseguros e aguardam o período de chuvas fortes para o teste final das obras de contenção das enchentes.

Após a última enchente, a Prefeitura acelerou a construção de casas populares no Jardim Aeroporto para que as pessoas que moravam nas áreas comprometidas do Popular se mudassem para os imóveis disponibilizados no bairro vizinho.

No ano passado, a Prefeitura iniciou um processo de drenagem, com intenção de resolver os problemas das enchentes. Além disso, construiu no córrego duas estruturas, sendo uma de concreto e outra de ferro para a passagem da água e para que não ocorra o acúmulo excessivo

como das outras vezes, gerando caos. Muitos moradores foram prejudicados na questão material pelos danos causados por essas enchentes, perderam móveis, eletrodomésticos, e objetos pessoais.

Dentre os que presenciaram o fato, está o funcionário da parte administrativa da fábrica de remoções asfálticas, Betunel, Ronaldo Rodrigues, de 42 anos. Ele lembra que quando ocorriam os alagamentos, a água invadia parte da fábrica, localizada em frente ao córrego, e inundava a balança de caminhões, que fica no portão de entrada da indústria.

O guarda da escola municipal localizada na Rua Rádio Maia, onde fica o córrego Imbirussu, também tem lembranças impactantes das inundações no Popular. “Eu vi um barco na rua resgatando as pessoas, algumas delas estavam até em cima das casas, pois a água chegou em um nível muito alto”, diz o guarda José de Freitas Ferreira.

Morador do bairro há 41 anos Rodney Pinho Barbosa, de 54 anos, recorda que os moradores, quando viam o tempo fechar, faziam uma ligação telefônica para alguém que morava no centro da cidade.



Córregos - Riscos de alagamentos diminuíram após obras de contenção

“Era pra saber se já tinha começado a chover, caso houvesse a confirmação, os moradores daqui do bairro já começavam a tirar os pertences de dentro de casa, pois já sabiam que o nível da água subiria rápido, em questão de minutos”, afirma o morador cuja a família ainda mora na Rua Rádio Maia. Ele conta que na última enchente, em 2007, a água subiu cerca de dois metros. “Invadiu todas as casas des-

sa rua do córrego, meu irmão teve que deixar o carro em outra rua, senão a água entraria fácil no carro”, relembra. De acordo com Barbosa, depois da construção das estruturas feitas para a passagem de água, não houve chuva forte como as do passado. E conta: “Para saber se vai acontecer enchente novamente, só chovendo muito”.

Sayonara mais seguro

Daiane Jadna

O Jardim Sayonara surgiu por volta de 1987, se localiza na região Oeste de Campo Grande, cerca de sete quilômetros do centro, tendo como bairros limítrofes: Jardim Aeroporto, Vila Popular, Jardim das Reginas, Ana Maria do Couto, Zé Pereira e Nova Campo Grande. A origem desse bairro se relaciona com o movimento dos moradores sem teto vindos do interior do Estado em busca de melhores condições de vida.

Quanto ao nome Sayonara, os moradores explicam que uma família japonesa era proprietária da área e com a convivência com as demais pessoas se tornou hábito se despedirem usando a expressão japonesa Sayonará (adeus, até logo), logo

após o bairro ficou conhecido como Sayonara.

A quantidade de residências é de aproximadamente 406, sendo que deste total 107 famílias passam pela experiência de remoção por estarem com seus lotes irregulares. No início, o bairro era conhecido pelo seu alto nível de marginalidade, os moradores contam que antigamente para entrar no bairro após a meia-noite era preciso pagar pedágio para passar pela ponte que se localiza na entrada na rua Beira Mar. Mas para amenizar o problema o bairro fundou um centro comunitário, que no momento está desativado. Hoje os moradores contam com a ajuda de uma Igreja Católica e duas Evangélicas.

Com a parceria das igrejas a comunidade pode desenvolver projetos como futebol, onde a igreja sede seu espaço, vôlei, pipa e passeios de bicicletas. Quando funcionava a sede, a Associação de Mora-

dores prestava contas à população oferecendo no período noturno um programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA), os ensinamentos fundamental e médio são prestados nas escolas de bairros próximos, como Vila Popular e Vila Eliane, pois não existe escola instalada no local.

Os moradores também podem contar com o serviço de saúde pública que são realizados pela unidade Dra. Eleonora Moura Quevedo Gomes e pela Policlínica Odontológica, ambas localizadas na Vila Silvia Regina. Existem também cooperativas de lixo que ensinam aos jovens os processos de reciclagem dos materiais descartados.

Os moradores dizem que o bairro já melhorou muito, mas ainda precisa de atenção quanto a melhoria do asfalto. “Apesar do bairro ser todo asfaltado tem muitas ruas esburacadas, melhoria também na segurança pois na região existem muito bares e nunca se passa um carro da polícia para fazer uma ronda, colocando assim em risco a vida dos moradores”, explica a candidata a presidente do bairro

Socorro da Silva, que mora no Sayonara há 22 anos.

Para chegar ao bairro o acesso é fácil, para quem vai de carro. O Sayonara se localiza no final da Avenida Júlio de Castilho, mas para chegar ao bairro utilizando transporte coletivo urbano existem linhas que podem ser tomadas como a Jardim Aeroporto A ou B, Ana Maria do Couto, Buriti / Bom Jardim, Tarumã / Aero Rancho linhas que passam pelas ruas principais Beira Mar e a José Palhano.

Ainda estão por vir mais projetos para o bairro como o Clube das Mães que voltará a funcionar em novembro e um time de futebol para participar de campeonatos e descobrir novos craques. “Os moradores estão bastante felizes com o projeto da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Orla Morena que vai ajudar na valorização do bairro”, afirma o morador Paulo José da Silva, comerciante no local.

No Popular, a infraestrutura abandonada do Poliesportivo reflete as dificuldades do Operário Futebol Clube

Ruínas de uma HISTÓRIA de GARRA

Vanessa Bitencourt

Foto: Helton Verão

O Centro de Treinamento (CT) do Operário, localizado no bairro Vila Popular, hoje atualmente aparenta abandono. O CT na época de glória do time havia sido doado por um torcedor e amante do esporte, mas com a crise que abalou o time acabou sendo deixado de lado. Nyelder de Sousa Rodrigues, de 20 anos, é membro da torcida Garra Operariana e declara que gostaria que o CT, também conhecido por Poliesportiva, fosse leiloado por estar em péssimo estado e inativo, como foi feito com a antiga poli na Avenida Bandeirantes.

Quem também não gosta muito da idéia de ter um prédio inativo, são os moradores do bairro. Dona Ermínia Conceição, de 62 anos, diz que é perigoso quando anoitece para quem passa próximo ao local. “Tem muita movimentação estranha ao redor dele, é perigoso a gente ser assaltada ou alguma coisa mais grave”, complementa. Segundo outros moradores que não querem se identificar o local também é ponto de uso e venda de produtos ilícitos, o que o torna ainda mais perigoso para quem passa por lá.

Atolado em dívidas trabalhistas e com o fisco, o Operário já perdeu parte da sua sede administrativa em leilão promovido pela justiça do trabalho. Para evitar o constrangimento do confisco de rendas nos dias de jogos e ganhar uma opção de re-



Lembrança - Imagens de uma época em que o futebol do Operário lotava estádios em CG

ceita pela venda de ações, o clube entrou na onda do futebol empresa e criou, em 29 de novembro de 1999, o Operário Sociedade Anônima, mas nada mudou na prática e foi extinguido em 2006.

Porém, como todo clube de massa, o Operário, briga, luta e, com certeza, ainda voltará a ser aquele clube que encantou o Brasil, os Asiáticos e fez do Bayern de Munique, um simples e mero espectador ao título da Presidente Cup.

Memória

No ano de 1938, em agosto, logo após a Copa do Mundo quando o futebol passou a ser uma febre no Brasil. O sargento Agapelô de Queiroz, Roque Borges Daniel, Sebastião Veloso de Matos, Maurício de Queiroz e outros trabalhadores discutiam a fundação de um clube para organizar as peladas dos fins-de-semana.

Seria um time humilde, sem muitas pretensões, para ser difundido na classe e alegrar os poucos momentos de distração daquela gente. No dia 21 de Agosto de 1938, ali mesmo na velha sede do Sindicato, o presidente da primeira reunião, o jornalista Elitiano Rio, tomou a palavra e, depois da leitura da ata, deu por fundado o clube que ninguém imaginava transformar-se no Operário Futebol Clube.

O primeiro presidente, Francisco de Souza, mais conhecido por Chiquinho, que também jogava, foi escolhido ali mesmo naquela reunião, sem muitas dificuldades e sem cerimônias. Os primeiros anos do Operário foram difíceis. Para fazer os primeiros jogos, seus fundadores tiveram que emprestar algumas vezes a camisa da Sociedade Esportiva Campo-grandense, clube extinto e que, na época,

se constituía numa das forças do futebol local, mas que foi à falência.

A princípio, o time deveria se chamar Botafogo Futebol Clube, o que não foi aceito prevalecendo, no entanto, as cores do clube carioca: preto e branco. Apesar de todas as dificuldades iniciais, os operários não tinham muitos recursos financeiros, aos poucos o clube foi se impondo aos demais filiados a LEMS. O primeiro título foi em 1942, embora na época do amadorismo, foi campeão somente seis vezes, até 1972 quando foi Campeão do Sesquicentenário, título simbolizado por uma estrela na camisa acima do escudo.

Logo que o clube foi fundado, pouca gente chamava-o de Operário, era mais conhecido pelos cognomes, como: “Time dos Pedreiros” ou “Clube dos Zeferinos” (isto porque três militares com este sobrenome foram os primeiros jogadores a vestir a camisa alvi-negra).

Seu atual Presidente, Antônio Vieira da Cunha, tem sob sua responsabilidade a tarefa quase que impossível de trazer de volta a dignidade perdida de uma das maiores surpresas do futebol do Brasil.

João Carlos Marchilli, morador da Capital, é fanático pelo esporte tanto nos âmbitos nacional e internacional quanto no regional acompanha há tempos as histórias do futebol e de seus clubes.

Em 39 anos, João Carlos disse que nunca havia visto um time de tão pequeno porte deslanchar no cenário do esporte nacional. “Não tinha time que vinha pra cá e que não perdia pro Operário. Hoje em dia vemos nos grandes campeonatos esses mesmos grandes times que a partir de uma boa administração conseguiram se manter firmes”, finalizou.

Moradores querem posto 24 horas

Rudney Ramos

A população do bairro Popular, que tem uma grande extensão, não possui um posto de saúde 24h à disposição. Apesar de o bairro ter uma unidade do Plano Saúde da Família (PSF), moradores alegam que sentem falta de uma unidade de saúde para casos de emergências. A alternativa mais próxima é a Unidade de Pronto Aten-

dimento (UPA) da Vila Almeida, que tem dificuldades para atender toda a demanda.

Maria Antonieta Diaz, de 68 anos, disse que por diversas vezes faltam médicos na unidade 24 horas de referência da região, o UPA da Vila Almeida. E diz não ter reclamações contra o atendimento da Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) da Popular.

Flavia de Oliveira Gonçalves, de 29 anos, plantonista da unidade da Vila Almeida, afirma que falta mesmo uma unidade na-

quela região, apesar de Campo Grande ser bem servida de unidades emergenciais. “Campo Grande é uma cidade que quanto à saúde, a população não tem o que reclamar”. Ela fez uma comparação de Campo Grande com Curitiba, Capital do Estado do Paraná e cidade em que ela nasceu. “Nós temos sete unidades 24 horas para entorno de 800 mil habitantes, enquanto Curitiba, possui oito unidades para entorno de dois milhões e meio de habitantes”.

Mas ela não nega que as regiões dos bairros Popular e Indubrasil, necessitem de uma unidade 24 horas. “A região é grande e populosa, temos várias unidades distri-

buídas estrategicamente por Campo Grande, mas aquela região necessita de uma unidade para atender a região e desafogar um pouco o Vila Almeida”. Quanto à falta de médicos, que a dona Maria Antonieta apontou, ela comentou que esse é um problema do passado. “Há mais de quatro anos não faltam médicos durante os plantões 24h.”

A UBSF da Popular se encontra na Rua Dália Siqueira, 736, segundo a Prefeitura da Capital, numa região que é conhecida como Vila Popular, e conta com três clínicos gerais e três ginecologistas em horário comercial, de segunda a sexta-feira.